

Nenhum olhar, de José Luís Peixoto¹

INARA DE OLIVEIRA RODRIGUES
Centro Universitário Franciscano – Santa Maria - RS

Iançado em 2000, *Nenhum olhar*, de José Luís Peixoto, editado em vários países, recebeu o Prêmio José Saramago, em 2001, e somente no final do primeiro semestre deste ano de 2005 foi publicado no Brasil, pela Editora Agir. Trata-se de um romance denso, permeado de lirismo, dividido em duas partes (Livros I e II) que se complementam num movimento de continuidade e retorno ao que já não é o mesmo, como espelhos disformes que se demarcam pelo tema da traição, no qual o traidor volta-se, sobretudo, contra si mesmo.

No entrecruzamento de várias vozes narrativas, ecoam pensamentos e sentimentos que se vão repetindo na tentativa de fazerem valer as palavras que, quase nunca ditas, acabam vencidas pela força de gestos e olhares. O que assim se diz, no entanto, não consegue romper a incontornável incomunicabilidade da dor dos desejos não vividos, dos sonhos desperdiçados antes mesmo de serem sonhados.

Se no “princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus (...) e nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens”, conforme o evangelho de São João, a impossibilidade da palavra transfigura-se na negação da existência para além de qualquer sentido transcendente. Desse modo, existir é defrontar-se com o mais absoluto abandono, é travar a luta perdida, à partida, na busca de qualquer certeza e sentido diante das limitações humanas.

A tessitura do romance, assim, vai-se compondo pela intertextualidade irônica com o discurso bíblico revelado pelo avesso, como o negativo de um filme queimado pela exposição indevida a muita claridade, como a cegueira decorren-

¹ PEIXOTO, José Luis. *Nenhum olhar*. Lisboa: Temas e Debates, 2000.

te de um olhar persistente para o sol, imagem recorrente na diegese. Desse modo, se a luz não ilumina e se a palavra é muda, a única *realidade* é a morte.

O texto inicia-se com reflexões de José, pastor que vive no cenário amplo e escaldante da planície alentejana, espaço apenas inferido, onde arde sua miséria e solidão incontornável, bem como a da maioria das personagens. À amplidão e à claridade da paisagem externa contrapõe-se, desse modo, o sombrio e fechado mundo interior dos seres que convivem e lutam com forças diabólicas, descomunais, como a figura do gigante e do próprio demônio. Nessa contraposição, contudo, suprime-se a dialética, pois a presença institucionalizada do mal não implica a contrapartida do bem – a bondade é a luta quimérica do homem contra os monstros por ele criados.

Casado com “uma rapariguita magra, de uns dezasseis anos de fome e de pouco” (p. 17), o pastor tem sobre si o peso do comentário maldoso da vila, insuflado pelas recorrentes provocações do diabo, de que sua mulher fora amante do gigante e voltaria a sê-lo. Empregada da casa dos ricos, a mulher de José, que não é nomeada, assim como todas as demais figuras femininas da obra, vivia “como uma tristeza silente, como a tristeza de um poço fundo que levasse toda a tristeza” (p. 45).

Casaram-se em cerimônia realizada pelo demônio “pois era ele que casava as pessoas da vila” (p. 31), e tiveram um filho. José não pôde comunicar nenhuma destas novidades ao pai doente, silencioso e absorto, nem contou nunca com o apoio da irmã e da família dela, pois não aceitavam o passado de sua mulher.

Quem melhor o compreendia era sua cadela, às vezes “altiva, orgulhosa, quase humana” (p. 91) que o seguia sempre até o monte das oliveiras, ajudando-o com o rebanho, de propriedade “do doutor mateus”, como também “todas as terras e carreiros e estradas por onde passavam pertenciam ao doutor mateus” (p. 49). Ainda assim, aquele campo parecia a José uma pessoa da família: “já conversamos muitas vezes. Ele disse-me coisas. Eu confessei-lhe coisas que nunca disse a ninguém.” (p. 73).

Aos poucos, porém, acossado pelas dúvidas diabólicas, José viu-se invadido de incertezas e “um homem sem certezas perde quase tudo de ser homem” (p. 53). Restou-lhe a sensação triste de uma vida que virou ruínas e de nada serviram-lhe as advertências de seus poucos amigos, dos gêmeos Elias e Moisés, para sempre unidos pelo dedo mínimo, e do ancião Gabriel, com

mais de cem anos, para que não fosse à vila encontrar o demônio. A pesar contra todos, a incomunicabilidade da vida tornava incontornável a presença da morte, que se consuma no final trágico do pastor, como já anunciado nas reflexões do personagem que abrem o romance.

O Livro II inicia-se, igualmente, com a forte presença da paisagem a inquietar o pensamento do filho de José, que ganhou o nome do pai e, dele, o pouco que sabia lhe era dito pelo velho Gabriel e pelo luto carregado da mãe, mas “adivinhava que era filho de um amor triste” (p. 103).

A cadela, muito velha, acompanhava-o ainda nas mesmas lides do antigo dono, a quem, com o auxílio de outros cães, vingou a morte, estraçalhando o gigante. Agora, num movimento de repetição do que nunca é o mesmo, a cadeia continua atenta ao próximo embate: entre José, filho de José, e seu primo Salomão, casado com a filha da cozinheira, motivo de silenciosa disputa.

A José, Salomão e à filha da cozinheira resta o caminho do monte, “a linha traçada entre o desespero e o silêncio”, do qual, em vão, tentou o velho Gabriel desviá-los. Cada um em seu caminho sem volta, os três distanciam-se para sempre, repetindo sem que se pudessem ouvir: “Sou a solidão” (p. 189).

Nesse mundo de isolamento sem voz, Gabriel é um anjo velho que não pode anunciar mais do que a certeza da morte. O apóstolo Mateus, cobrador de impostos que seguiu Jesus, é o dono das propriedades todas e, mesmo muito ausente, como ausente foram seus filhos herdeiros depois de sua morte, tinha garantido o espaço de poder e a permanência da exclusão. Por seu turno, Salomão não possui sabedoria, e, muito pelo contrário, é ingênuo e dependente.

Os Josés, pai e filho respectivamente, são todos os traídos e traidores, e suas mulheres, são também, em cada caso, traidoras e traídas. Se não existe nenhum mistério sagrado para dar significado a essas uniões, o profano impõe-se num jogo mudo, em que todas as traições são perdoadas no último instante em que o amor se revela, embora sempre tarde demais.

No romance de José Luis Peixoto, não há, assim, qualquer idéia de apocalipse como redenção: o fim não é o começo de nada. O fim é um ponto final absoluto que, no entanto, fixado no espaço que ocupa como desfecho de uma obra literária, não pode escapar ao seu dialogismo intrínseco. Assim, a cada leitura a vida inicia e acaba sempre de forma diferente, e o sofrimento indizível da existência, lido, relido e sentido, vai, paradoxalmente, fazendo-nos ouvir com mais profundidade a nossa voz humana, demasiadamente humana.